

DE DIDATA DE MÉRITOS RECONHECIDOS A *REPRESENTATIVE-MAN* DA ESCOLA TRADICIONAL: AS INTERLOCUÇÕES DO EDUCADOR PAULISTA JOÃO TOLEDO

Maria de Lourdes Pinheiro

Universidade Estadual de Campinas, Brasil



Resumo

Pela discussão de um dado momento da educação paulista (1925-1934), o artigo traz à luz um educador que defendeu uma proposta de educação para uma escola brasileira pautada por modelos de lição. Formado complementarista quando a ênfase dada à formação do professor primário fundamentava-se na pedagogia tida como arte de ensinar, João Toledo era adepto de concepções herbartianas e não aderiu à proposta da escola nova. No cenário das décadas de 20 e 30 figurou como autor de livros e artigos em revistas, sendo considerado por uns como didata de méritos reconhecidos e por outros como representative-man da escola tradicional.

Palavras-chave: João Toledo, educação paulista, formação de professores.

OF RECOGNIZED MERIT TAUGHT A REPRESENTATIVE-MAN OF TRADITIONAL SCHOOL: THE DIALOGUES OF THE EDUCATOR OF SÃO PAULO JOÃO TOLEDO

Abstract

For a discussion of a given moment of education of São Paulo (1925-1934), the article brings to light an educator who advocated an education proposal for a Brazilian school guided by models of lesson. Complementarism formed when the emphasis on primary teacher training was based on the pedagogy of teaching seen as art, João Toledo was adept at Herbartian conceptions and not joined the proposed new school. In the backdrop of decades of 20 and 30 figured as the author of books and magazine articles, is considered by some to be taught the merits recognized by others as representative of the traditional school-man.

Key-words: João Toledo, education of São Paulo, teachers' formation.

**DE RECONOCIDO PRESTIGIO ENSEÑÓ A *REPRESENTANTE-MAN*
DE LA ESCUELA TRADICIONAL: LOS DIÁLOGOS DEL
EDUCADOR DEL SÃO PAULO JOÃO TOLEDO**

Resumen

Para una discusión sobre la educación que se imparte tiempo paulista (1925-1934), el artículo pone de manifiesto un educador que abogó por una propuesta de educación para una escuela brasileña guiado por modelos de la lección. Complementarism forman cuando el énfasis en la formación de maestros primarios se basó en la pedagogía de la enseñanza visto como el arte, John Taylor era experto en concepciones herbartiana y no se unió a la nueva escuela propuesta. En el contexto de las décadas del 20 y 30 figuraba como autor de libros y artículos de revistas, es considerada por algunos que se les enseñe los méritos reconocidos por los demás como representante de la escuela tradicional-hombre.

Palabras-clave: João Toledo, São Paulo la educación, la formación de los profesores

**DU MÉRITE RECONNU ENSEIGNÉ UN *REPRÉSENTANT-MAN*
DE L'ÉCOLE TRADITIONNELLE: LES DIALOGUES DE
L'ÉDUCATEUR DE SÃO PAULO JOÃO TOLEDO**

Résumé

Pour une discussion d'une donnée moment de l'éducation de São Paulo (1925-1934), l'article met en lumière un éducateur qui a préconisé une proposition de l'éducation pour une école brésilienne guidée par des modèles de leçon. Complémentarisme formé lorsque l'accent sur la formation des enseignants du primaire a été basée sur la pédagogie de l'enseignement considéré comme l'art, João Toledo a été habile à des conceptions de Herbart et de ne pas rejoint l'école proposée. Dans le contexte des décennies 20 et 30 figurait comme l'auteur de livres et d'articles de magazines, est considéré par certains d'être enseigné les mérites reconnus par les autres comme représentant de l'école traditionnelle homme.

Mots-clé: João Toledo, São Paulo éducation, la formation des enseignants.

Introdução

A presente discussão resulta da análise de um dado momento da educação paulista pela ótica particular das interlocuções do educador João Toledo no período 1925-1934, numa abordagem histórico-cultural. Para Chartier (1999), a abordagem cultural da história vem de um esforço para entrar na complexidade de uma sociedade a partir de um elemento particular (uma biografia, uma existência singular, um evento, uma prática particular), pois, “a partir deste destino individual, desta prática específica, ou deste evento, se pode reconstruir a totalidade dos laços, interdependências, relações que definem o mundo social” (p. 11).

Ao se realizar um trabalho de investigação histórica sobre um determinado personagem, a revelação do perfil do pesquisado esclarece e amplia a compreensão do contexto em que ele viveu; ao se estudar seu pensamento e obra, algumas questões estarão implícitas, como sua trajetória intelectual e posições assumidas (Hilsdorf, 1986), o que significa dizer que a obra de um autor acaba por refletir os movimentos e tendências de um dado momento, levando a uma melhor compreensão da época social e cultural em que viveu.

João Toledo, um educador paulista de grande prestígio, cujas idéias circularam, sobretudo, nas décadas de vinte e trinta, não teve o seu nome destacado nos escritos de história da educação brasileira; sua presença foi obscurecida diante da ênfase que tem sido dada aos embates educacionais que envolviam católicos e liberais naquele período. Em função disso, o presente trabalho pretende trazer à luz um educador que defendeu uma determinada escola brasileira e uma proposta de educação que se apoiava na pedagogia entendida como arte de ensinar. A metáfora das luzes e sombras foi utilizada por Catani (1989) para referir-se a um período da educação paulista que, até então, aparecia nas pesquisas como sendo de meia-luz, de penumbra, quando analisado frente às reformas educacionais implantadas nos anos subseqüentes ao advento da República.

No momento em que João Toledo formou-se complementarista em 1900 pela segunda turma da Escola Complementar de Itapetininga, a ênfase dada à formação do professor primário fundamentava-se num modelo pedagógico constituído principalmente pelos estudos de Pestalozzi. Tida como uma série de prescrições que podia ser aplicada universalmente, a pedagogia que o pensador suíço defendia baseava-se no princípio da observação da natureza para dela deduzir as ações educativas.

Para tanto, utilizava-se de um método de questionamento para a educação dos sentidos, ou educação intuitiva. O objetivo da ação educativa, para Pestalozzi, era o desenvolvimento das forças humanas e os seus passos deveriam ser adaptados à essência da natureza como guia do professor para educar a mente, a mão e o coração dos alunos.

Muito embora as escolas complementares não fornecessem o ensino técnico e pedagógico necessário ao futuro mestre, o que levou a inúmeras críticas, desde o final do século 19 e início do século 20 circulavam no Brasil impressos destinados ao uso de professores e normalistas, como revistas e manuais, com seções compostas por modelos de lição das disciplinas a serem ministradas no ensino primário, bem como determinados saberes, procedimentos e atividades para serem reproduzidos no exercício do magistério.

Além disso, para o complementarista obter o diploma de habilitação para o magistério preliminar, era necessário que fizesse a prática de ensino de um ano em uma escola modelo, anexa a uma escola normal, local em que lhe seria possibilitado o contato com práticas dadas a ver.

É possível que João Toledo visse a si mesmo como um herdeiro desse período, retratado em alguns escritos como um momento *áureo* da educação, em especial a paulista, devido às reformas republicanas instauradas a partir da década de 1890. Sendo herdeiro, ele veio a atuar, posteriormente, como um continuador de tais propostas, tidas como inovadoras, que vinham romper com uma prática de ensino verbalista e tradicional.

Entretanto, a partir da propagação internacional das concepções educacionais de Dewey, Montessori e Decroly, dentre outros, os modos de conceber a finalidade do trabalho escolar e de natureza da atividade infantil no Brasil foram reconfigurados, o que refletiu numa transformação das representações das práticas escolares vigentes até então e deu início a um amplo debate sobre a escola nova.

Embora muitas das mudanças apresentadas como novidade pelos escolanovistas brasileiros na década de 1920, como a centralidade da criança na aprendizagem e a importância do ato de observar e intuir para a construção do conhecimento do aluno, fossem discutidas já há um bom tempo por profissionais ligados ao ensino, essas mesmas preocupações voltavam formuladas como novas, sobretudo nos seus significados. Em função disso, aprofundou-se a discussão que teve início com a introdução do ensino intuitivo no Brasil, no sentido de que a escola não deveria apenas oferecer situações em que o educando observasse, mas que também agisse, dando-lhe condições de elaborar o seu próprio conhecimento.

Debates desencadeados por determinadas medidas introduzidas por Sampaio Dória na reforma paulista de 1920, levaram a um questionamento da institucionalização do método intuitivo, que vinha fundamentando propostas de ensino no Estado de São Paulo desde as décadas finais da monarquia, adentrando no período republicano. Uma das medidas foi o princípio da autonomia didática, que Carvalho (2000) destaca como um dos fatores que levaram à substituição dos discursos pedagógicos (até então apontados como

portadores de uma escola *nova*) por discursos escolanovistas, levando a rupturas nos saberes e nas práticas escolares.

Nesse embate educacional, os periódicos e manuais divulgaram inúmeros escritos, ora sobre os fundamentos da prática pedagógica, ora sobre os métodos e processos de ensino, e foi neste cenário que João Toledo destacou-se como uma figura de prestígio, especialmente no meio educacional paulista.

A Didática de João Toledo para uma escola brasileira

Após a formação em Itapetininga, Toledo foi nomeado para diversos cargos considerados importantes no período: foi diretor de grupos escolares em Serra Negra (1901-1908) e em Rio Claro (1908-1913), lente da cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal Secundária de São Carlos (1913-1921), diretor da Escola Normal de Campinas e professor de Prática Pedagógica (1921-1925) e, em junho de 1925, foi nomeado por Pedro Voss para o cargo de inspetor geral do ensino.

O educador paulista já era um autor conhecido no meio educacional, pela ampla divulgação que dois livros seus haviam alcançado: *Sombras que vivem*, publicado pela Casa Genoud de Campinas em 1923, fora aprovado para uso dos professores nas escolas públicas primárias e complementares dos estados de São Paulo e Ceará; e *O crescimento mental - Exposição analítica da psico-pedagogia para uso dos alunos das escolas normais e dos professores do curso primário*, publicado pela Imprensa Metodista de São Paulo em 1925, fora apontado como obra necessária, pois a grande maioria dos livros voltada para o ensino da psicologia nas escolas normais era de autores estrangeiros, o que dificultava a leitura e compreensão dos mesmos pelos normalistas.

Além destes dois livros, Toledo publicara diversos artigos na *Revista da Escola Normal de S. Carlos*, na *Revista de Ensino* (da Associação Beneficente do Professorado Público do Estado de São Paulo) e na *Revista de Educação* (da Escola Normal de Piracicaba), nos quais discutia, sobretudo, duas questões: a necessidade de criação de uma escola brasileira elementar, incumbida de semear os ideais nacionais fundamentais para a formação moral e cívica do povo; e o método de ensino mais adequado para atingir tais objetivos, por meio de disciplinas como a língua materna, a geografia da Pátria e a história do Brasil. Inicialmente, Toledo assinalava a importância do método analítico para o ensino das disciplinas, passando gradativamente a divulgar o método analítico-sintético.

Logo após a nomeação para o cargo de inspetor, o educador publicou *Escola brasileira: desenvolvimento do programa de Pedagogia em vigor nas escolas normais*, publicado pela Imprensa Metodista de São Paulo em 1925. No livro composto por vários textos, o

autor expunha sua visão sintética da alma da criança, o modo como se desenvolvia, os fins da educação, o modo de apresentar os assuntos do programa de ensino e de encaminhar o seu desenvolvimento, como conhecimentos necessários para a efetivação da escola que propunha.

Nesse sentido, citava Pestalozzi e Claparède para argumentar que “as idéias, os sentimentos, os atos volitivos, toda a atividade psíquica tem seu órgão que é o cérebro. O exercício regular de suas múltiplas funções, nas variadas modalidades de que estas se revestem, educa-o para os mais altos desígnios” (Toledo, 1925b, p. 172). Dessa forma, uma função da educação seria auxiliar no desenvolvimento do cérebro do aluno, tornando-o um órgão tão eficiente quanto suas potencialidades permitissem.

Assim, citava, também, Dewey e James, para ressaltar que somente o treino desenvolveria os órgãos, quer se tratassem de funções físicas ou psíquicas, e afirmava, apoiando-se em Payot, em Comenio e em Kant, que “só se aprende a fazer fazendo” (Toledo, 1925b, p.178). O autor se perguntava como o aluno poderia receber melhor uma noção e assinalava que o melhor meio era praticando ele mesmo. Para tanto, fazia-se necessário que o ensino fosse objetivo, que o objeto da lição estivesse presente, pois o aprendizado ativo se faria pela suas observações, comparações, generalizações e experimentações reais.

Toledo destacava que a educação da criança era um produto direto de sua atividade, a tarefa do professor era facilitar e abreviar o aprendizado, amparando, sugerindo e explicando, e apresentava o processo socrático, de virtudes educativas soberanas, cujo uso era recomendável sem restrições nas classes elementares. Lembrava o autor que se a interrogação fosse efetuada por meio de perguntas bem formuladas implicaria em estímulos para observar e pensar, dando margem a novas perguntas, que provocariam e encaminhariam à assimilação de outras noções.

De posse do conhecimento dos cinco passos formais de Herbart para lições indutivas (preparação, apresentação, comparação, generalização e aplicação), o mestre levaria o aluno a passar de um fato particular para um geral, provendo à formação de conceitos complexos e leis. Por outro lado, para lições dedutivas partia-se de princípios gerais para explicar fatos particulares, com o uso de lições explanatórias ou antecipatórias, que implicasse os dados, os princípios, a inferência e a verificação.

Em função disso, a indução e a dedução conjugavam-se e completavam-se, ressaltava o autor, não tendo fase própria e separada de uso e aplicação no treino escolar. Mas poderia haver predomínio de um *modo de ensinar* sobre o outro, conforme o adiantamen-

to da classe ou a matéria a estudar, de forma que não poderiam ser utilizados igualmente para todas as disciplinas do programa.

Como conclusão, Toledo salientava a influência educativa de algumas disciplinas, destacando a língua materna, a geografia e a história pátria, e a educação moral e cívica, além de outras disciplinas, consideradas de fundamental importância no ensino primário, como o desenho, a ginástica, os trabalhos manuais e a música. Destacava também o ensino das noções comuns, que dizia respeito a objetos, produtos, instrumentos e fenômenos do cotidiano, podendo ser agrupadas sob o critério das relações com a vida do indivíduo e enlaçadas pelas semelhanças dos serviços que prestavam. Para o autor, a denominação noções comuns substituíria o termo lições de coisas, uma vez que este não compreendia os assuntos englobados sob aquela rubrica, nem correspondia aos intuítos visados pelo ensino.

Escola brasileira mereceu elogios e recomendações de leitura, bem como também críticas de pessoas ligadas ao meio educacional. Entre os elogios encontram-se os de Sud Mennucci (1930), para quem o livro denunciava claramente os intuítos do autor em abordar o tema da constituição de um tipo de escola, subordinada ao pensamento central dos ideais nacionais.

Em relação às críticas que o livro recebeu, destaca-se a de Fernando de Azevedo (1929), que considerava o livro uma obra de idéias equilibradas. Mas, devido a um *idealismo moderado* por parte do autor, houvera o impedimento de uma maior expressão dos ideais renovadores da educação moderna. Em função disso, argumentava Azevedo, tratava-se de um livro de estudos fragmentários, pois para a formação de pedagogos era necessária a inclusão de um capítulo sobre cultura geral, sociológica e científica; só assim se haveria de atingir a compreensão exata dos ideais nacionais que orientariam a escola brasileira em todos os seus graus e aspectos.

Após a publicação de *Escola brasileira*, Toledo começou a elaborar um novo livro, *Didática (nas escolas primárias)*, cuja primeira edição saiu em janeiro de 1930 pela Livraria Liberdade de São Paulo. A segunda edição saiu em agosto do mesmo ano. A primeira parte do livro apresentava a didática geral e seus novos rumos, que transformavam o problema de como ensinar em como educar. Porém, Toledo ressaltava que o intuito da educação ainda era o mesmo, a preparação para a vida, e verificava que a mudança fora imposta pela ineficácia dos processos escolares em uso. Nesse sentido, tendo que assumir novas finalidades e sentindo a insuficiência dos instrumentos de ação, “a velha escola tradicional, que ensinava, iniciou sua transição para a escola nova, que [educava]” (Toledo, 1930, p. 9).

De acordo com o autor, a escola tradicional resumia-se em transmissão do programa e assimilação pelo mestre. O aluno, assentado e quietinho, de olhos abertos e ouvidos atentos, prestava atenção no ensino ministrado pelo professor, com o propósito de tornar objetivas suas lições e aplicá-las em momento oportuno. Por outro lado, a nova escola era educativa e era a própria criança que realizava o seu aprendizado. A idéia de escola educativa do autor remete a Herbart e sua instrução educativa, a ser obtida seguindo-se os passos formais que estabeleceu, para formar o espírito do aluno.

Para João Toledo, a transição paulista da escola tradicional para a escola educativa vinha desde os tempos da reforma de Caetano de Campos, em 1891, quando os professores sentiram que o problema não era como ensinar, mas como educar, sendo a criança o centro das preocupações da escola e o conteúdo do currículo um instrumento para promover a formação física, intelectual e moral do aluno; também já se sabia que era a atividade do próprio aluno, e não do mestre, que tornava o treino educativo eficiente. Como toda transformação social, porém, a mudança necessitava de tempo, de preparação do professorado, de adaptação das instituições e remodelação do material de ensino.

Didática fazia uma defesa dos programas de ensino como direções apontadas pela experiência de quem já tinha passado pelo mesmo caminho a ser trilhado pelo novo professor. Como orientadores, eram também flexíveis e permitiam acomodação, conforme a diversidade das escolas, o meio cultural e os alunos. Defendendo também a *globalização do ensino*, Toledo ressaltava que algumas práticas de ensino vinham sendo mudadas, pois se percebia que havia uma relação entre as exigências sociais e as condições do meio físico dominante no lugar em que a escola se localizava, havendo um entrosamento de noções oriundas das várias disciplinas e comuns a todas elas, que confluíam para o esclarecimento dos fatos, problemas e fenômenos, objetos das preocupações escolares.

Ao se conhecer as condições de um meio físico e a população que o habitava, e determinando-se as modificações que podiam ser realizadas com a influência da escola, os conhecimentos sugeridos deveriam globalizar-se em torno de *centros de interesse*, por diversas associações, partindo do programa mínimo estabelecido para o estudo das *noções comuns*, a serem distribuídas pelos quatro anos do curso primário, constituindo o material do aprendizado.

O método para o ensino sugerido por Toledo era o analítico-sintético, pois o seu uso auxiliava na aquisição de princípios gerais de física, química e história natural; nas outras disciplinas, porém, o seu uso nem sempre era recomendado. Em linguagem e cálculo auxiliaria melhor a prática do método dedutivo somente, porque partia de uma idéia geral para um conhecimento particular. No aprendizado de história e geografia, por sua vez, o

ensino deveria ser narrativo e descritivo, visando à intuição e raramente o raciocínio. O autor destacava a história e a geografia no programa de ensino; segundo ele, nenhuma outra tinha tanto poder modelador de almas na formação cívica e moral do povo quanto aquelas.

A segunda parte do livro trazia a didática especial, iniciada a partir dos pontos utilizados como *noções comuns*, que diziam respeito à adaptação do aluno às condições gerais do meio físico e social, de forma que não era aconselhável uma seriação lógica, mas uma seriação subordinada aos interesses da criança, decorrentes de suas necessidades vitais.

Partindo da orientação de Decroly para determinar que os centros de maior interesse à criança, nesse momento, seriam referentes à alimentação, ao vestuário, à habitação e sua relação com a natureza, Toledo argumentava que a educação com base sobre estes centros apenas falharia em seus intuitos mais elevados, sendo necessário acrescentar a relação do aluno com a sociedade e com o mundo do trabalho.

Com uma exposição de cada disciplina constante do programa do ensino primário, os respectivos conteúdos pelos quatro anos de curso, as particularidades de cada uma, suas finalidades e aspectos educativos, o melhor processo de ensino e a ordem dos estudos, o autor assinalava como se faria o seu vínculo com as *noções comuns* e sugeria planos de lição.

João Toledo organizara sua *Didática* dentro dos padrões pedagógicos que vinham fundamentando as prescrições para uso do ensino intuitivo, sobretudo no que se referia aos modelos de lição, que ensinavam o mestre a ensinar. Assim, num momento em que se reforçava a opinião de muitos profissionais ligados à educação de que São Paulo ia perdendo a liderança nesse campo, especialmente após as reformas paulistas de 1925, considerada um retrocesso, e a de 1927, que não teve destaque no cenário educacional do país, e tendo em vista as demais reformas realizadas em outros estados, com a introdução de idéias e princípios renovadores, o livro foi tomado como defesa do modelo escolar paulista, fato que foi aplaudido por uns e questionado por outros.

Em relação aos que criticaram o novo livro, embora não tenha sido localizado nenhum artigo específico em jornal ou revista questionando o autor por não se posicionar em favor das novas idéias, é de supor-se que as críticas apontadas à *Escola brasileira* também lhe fosse estendido. Dentre os que se manifestaram a favor, destaca-se Sud Mennucci, um defensor do uso do método analítico e da escola paulista. Num artigo publicado na revista *Educação* da Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo (julho de

1930), na seção *Através de livros*, Mennucci dizia que o remate de *O crescimento mental* e *Escola brasileira* só poderia se dar com o lançamento de *Didática*.

Ao chegar aos modelos de lição propostos por Toledo, Mennucci justificava que isso era lógico e ressaltava que eles nada mais eram que sugestões, podendo ser cortados ou ampliados para atender circunstâncias que somente o professor poderia discernir. Além disso, o livro de João Toledo vinha inaugurar uma fase de autonomia para a pedagogia paulista, *exausta*, segundo Mennucci, de cópias e traduções estrangeiras.

Na seção *Através de livros* da revista *Educação*, as obras de autores nacionais ou estrangeiros eram resenhadas ou comentadas, como tentativas de manter os leitores atualizados pela divulgação das principais novidades do campo educacional e, além do artigo de Mennucci, dois outros textos de elogios à *Didática* foram também divulgados pelo periódico. O primeiro, de abril de 1930, era de autoria de Firmino Costa, que destacava a falta de compêndios pedagógicos para o ensino normal. Nesse sentido, a necessidade de um compêndio justificava-se para que o ensino não se tornasse mecânico, como o ditado pelo professor e a cópia pelos alunos, ou ainda uma sobrecarregada leitura de trechos de diversos autores, tornando o esforço excessivo e sem resultados compensadores.

Costa assinalava que João Toledo havia elaborado o livro com método e clareza admiráveis e ilustrara as dissertações com excelentes planos de lição, bastante sugestivos para orientar o professor no preparo das aulas. Observava Costa que as escolas normais fariam bem em adotar o conjunto dos livros pedagógicos do educador; assim teriam o essencial para o ensino da psicologia e da metodologia e os normalistas alcançariam cultura suficiente para prosseguirem por si mesmos em seus estudos.

O segundo texto, apresentado por Romão de Campos, saiu em junho de 1930. Campos apontava *Didática* como uma das obras que traziam o que havia de mais relevante nos meios pedagógicos sobre as diversas disciplinas do currículo escolar. Ao lado de *Como se ensina geografia*, de Antonio Firmino de Proença, *A escola ativa e os trabalhos manuais*, de Coryntho da Fonseca, *Educação moral e educação econômica*, de Sampaio Dória, e *Cálculo dos principiantes*, de José Ferraz de Campos, o livro de João Toledo vinha traduzir a ânsia de renovação que se agitava nos educadores modernos.

Reconhecendo que a renovação desejada no ensino não seria alcançada num abrir e fechar de olhos, devido a dificuldades como tempo e preparo profissional do mestre, além da falta de um guia, de um orientador, Campos apresentava *Didática* como um *salva-vidas*, que vinha mostrar aos professores os meios inteligentes e racionais de atingirem a almejada finalidade educativa. Para Campos, os planos de lição eram a excelência

da obra, sobretudo por representarem um auxílio ao trabalho do professor novato, pois nem todos eram artistas, capazes de preparar, sozinhos, suas lições.

O artigo de Romão de Campos colocava *Didática* ao lado de livros aprovados pelos escolanovistas que, ao criticarem a orientação do professorado por meio de lições e roteiros de aulas prontos, propunham uma cultura pedagógica como subsídio e fundamento para a prática docente, mudando os modos de agir e pensar dos professores. Assim, juntamente com a obra de João Toledo, entre os livros citados por Campos destacam-se os de Antonio Firmino de Proença, Coryntho da Fonseca e Sampaio Dória, que faziam parte da coleção *Biblioteca da Educação*, organizada por Lourenço Filho desde 1927.

Por essa mesma coleção, alguns meses depois do lançamento do livro de Toledo, Lourenço Filho publicou *Introdução ao estudo da Escola Nova*, maio de 1930, justificando sua iniciativa pelo fato de que não havia, na escassa literatura didática nacional disponível até então, obras que permitissem uma visão geral e completa do problema da educação renovada.

De acordo com Lourenço Filho, embora livros muito bons estivessem sendo escritos sobre assuntos como a função social da escola, a concepção funcional da educação, os recursos científicos de organização e controle do trabalho docente, os mesmos traziam, por outro lado, impressões muito fragmentárias e podiam tornar-se o princípio de confusões perigosas, porque havia neles uma falta de clareza sobre o que era a escola nova.

Nesse sentido, para realizar a renovação do ensino era necessário superar a visão fragmentária, o que demandava um longo processo de formação dos professores, pois, sem o preparo técnico necessário, a nova escola não se realizaria. Para Lourenço Filho, a escola ativa não podia preparar mestres por simples receitas empíricas, ou por planos de lição, mas por um conhecimento psicológico maior sobre a infância, por espíritos criadores e por uma cultura pedagógica mais rica e mais sólida do que a cultura comum que havia entre o professorado.

Os planos de lição e as noções comuns

Ao final de 1932 foi publicada a terceira edição de *Escola brasileira*, revisada e ampliada por Toledo. Um dos temas acrescentados foram os *testes de inteligência*, em que o autor argumentava sobre a necessidade de um procedimento objetivo que permitisse avaliar o rendimento do trabalho escolar. Para tanto, sugeria o sistema de medidas mentais de Binet-Simon.

Por esse sistema de padrão de medidas, aplicáveis sob normas de uma mesma técnica, o professor teria o senso exato do aproveitamento obtido pelos alunos. Por essa o-

casião, João Toledo era assistente técnico do ensino normal, tendo sido nomeado em dezembro de 1930 por Lourenço Filho.

João Batista Damasco Penna, então assistente do Serviço de Psicologia Aplicada da Escola Normal de São Paulo, apresentou uma crítica à terceira edição na seção *Bibliografia pedagógica* do jornal *O Diário de São Paulo*, em abril de 1933. Damasco Penna assinalava que o livro não era ainda o compêndio ou manual de que se precisava, mas trazia uma sólida contribuição à reduzida cultura pedagógica nacional.

Apresentando João Toledo como uma figura de prestígio na classe dos professores, Damasco Penna discordava do autor em alguns pontos, como a defesa do programa oficial, o que levava a uma falta de aprofundamento de temas como a motivação da aprendizagem, o método por projetos, a escola do trabalho, a escola única e mesmo a globalização do ensino, tratada como expediente didático e não como concepção pedagógica.

Em fevereiro de 1933, a função que João Toledo vinha exercendo recebeu uma nova denominação: chefe de serviço técnico. Além desta função, Fernando de Azevedo nomeou-o para ser um dos assistentes da seção de Prática de Ensino da Escola de Professores do Instituto de Educação, em São Paulo, cuja responsabilidade estava a cargo de Antonio Firmino de Proença. Entretanto, na folha de rosto da primeira edição de *Planos de lição: noções comuns*, Toledo apresentava-se apenas como chefe de serviço técnico da Diretoria Geral do Ensino.

O novo livro, publicado pela Livraria Liberdade de São Paulo em maio de 1934, continha uma primeira parte composta por discussão sobre programas e horários, limites da globalização do ensino, círculos de atividades e noções comuns, e uma segunda parte que divulgava planos de lição para o desenvolvimento das noções propostas. Também na primeira parte, o autor destacava a necessidade de serem consagradas aulas especiais, em tempo especial, às cinco disciplinas do programa (leitura, escrita, cálculo, geografia e história).

Como os conhecimentos destas disciplinas não bastassem ao preparo para a vida, o educador sugeria as noções comuns, não importando sua origem (se científica ou atividade motora), desde que se completassem e se unificassem para a formação de uma finalidade única: a conduta do indivíduo. As noções comuns, distribuídas pelos quatro anos do curso primário, constituiriam o material do aprendizado, esclarecendo problemas reais da vida do indivíduo relacionados ao meio social e físico em que vivia.

Esta discussão era seguida dos planos de lição, que englobava os centros de interesse e os círculos de atividade por meio das noções comuns, cuja ordem era a mesma em que apareceram nas preocupações do homem através do tempo, marcando etapas

em sua evolução civilizadora: nutrição, vestimenta, habitação, influência cósmica, trabalho e organização da economia.

As discussões apresentadas nos livros de João Toledo mostram que o autor não apenas conhecia a proposta escolanovista, como também lia autores comumente ligados à escola nova. Porém, uma preocupação com as questões práticas sobressai nos seus textos, de forma que a defesa que fazia a respeito da seriação das matérias no currículo, da ordem dos estudos e dos planos de lição era criticada pelos defensores da escola renovada, que viam nessas suas inquietações um atrelamento aos moldes do ensino tradicional, bem como uma visão fragmentária sobre o escolanovismo.

Antônio D'Ávila, que conviveu com o educador por um espaço de tempo no Instituto de Educação, quando foram assistentes da seção de Prática de Ensino, apontava que Toledo nunca compreendeu o repúdio declarado à tradição da escola paulista no movimento revolucionário pedagógico. Para D'Ávila (1934), *Planos de lição* era um livro que não cristalizava roteiros de aulas, nem era um traçado de modelos para serem vazados no espírito do aluno, mas que abria perspectivas ao professor, alargando o círculo do seu ensino, abrindo espaços para os reais problemas brasileiros.

A publicação de *Planos de lição* trouxe a João Toledo o apoio de companheiros de longa data. Carlos da Silveira lhe enviou uma carta em dezembro de 1935, na qual criticava a *panacéia universal* com que vinha sendo divulgada a escola nova. Antonio Firmino de Proença também lhe endereçou uma carta em janeiro de 1936, e destacava *Planos de lição* como uma *pequena enciclopédia* de noções comuns e orientador didático. Também Julio Penna escreveu uma carta ao autor em novembro de 1935; para ele, o livro era obra de mestre autêntico, cujo nome bastava para recomendá-lo, e isto poderia ser visto pela *acolhida animadora* que suas publicações encontraram fora de São Paulo.

As disputas travadas neste período, tanto em torno das proposições pedagógicas sobre o método de ensino intuitivo, quanto das novas representações sobre a atividade da criança difundidas pelos escolanovistas, buscavam legitimação no campo dos saberes pedagógicos, conforme assinala Carvalho (2001).

Nesse sentido, as duas correntes se utilizaram de modalidades distintas para a organização desses saberes, representando-os como necessários à prática docente: de um lado, para divulgar a defesa do modelo escolar paulista, as revistas e os manuais pedagógicos vinham sendo organizados a partir de modelos de lição para uso do professor, mantendo uma forte relação com a pedagogia entendida como arte de ensinar; e de outro lado, os impressos dirigidos ao professorado como fundamento e subsídio a sua prática, de que a coleção pedagógica organizada por Lourenço Filho é exemplo, forneciam “um

repertório de informações e de referenciais críticos para o professor, orientando-lhe a leitura como prática inventiva rebelde à prescrição de modelos” (Carvalho, 2001, p.154), com a finalidade de promover uma nova mentalidade ao professorado.

Contudo, Carvalho (2000) aponta que os escolanovistas, ao se apossarem do título de renovadores da educação, saíram vencedores de tais embates, passando a referirem-se às demais propostas como conservadoras e atreladas a uma pedagogia tradicional, fato que levou educadores como João Toledo a ficarem obscurecidos, relegados à penumbra.

Considerações finais

João Toledo fez carreira no magistério e procurou fazer uso da sua experiência, das interlocuções estabelecidas com profissionais contemporâneos ligados ao ensino, das apropriações e representações que fez, tanto do modelo de educação no qual foi formado, quanto das novas concepções que circulavam país, para divulgar suas próprias idéias educacionais.

Entretanto, por tomar uma posição em defesa da tradição paulista e por não ser um adepto das novas formas de ensino, Toledo figurou como *representative-man* da escola tradicional (D’ávila, 1946). Quando Fernando de Azevedo analisou os anos de 1920 e 1930, em obras como *A cultura brasileira*, apresentou-os como aqueles que separaram a velha e a nova mentalidade, de forma que todos aqueles que se opuseram, ou que apresentaram propostas alternativas, foram considerados tradicionais.

Assim, Azevedo e outros defensores do escolanovismo, sobretudo os que assinaram com ele o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* em março de 1932, consideraram-se vencedores das disputas travadas no período. Na história da educação brasileira ficaram obscurecidos tanto católicos, opositores mais aguerridos, quanto educadores como João Toledo, que defendia a velha pedagogia pautada em modelos de lição.

Referências

- AZEVEDO, Fernando de. *Ensaio*. Crítica literária para O Estado de São Paulo (1924-1925). São Paulo: Melhoramentos, 1929.
- CAMPOS, Romão Didática. *Educação*, v. 11, n. 3, 1930, p. 381-383.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14 n. 1, 2000, p. 111-120.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. (orgs.). *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 137-167.

- CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*. São Paulo: USP, 1989. Tese (doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- CHARTIER, Roger. Entrevista com Roger Chartier. *Pós-História*, Assis, v. 7, 1999, p.11-30.
- COSTA, Firmino. Livros recomendáveis. *Educação*, vol. 11, n.1, 1930, p. 94-95.
- D'ÁVILA, Antonio. Bibliografia pedagógica. Planos de lição. *O legionário*, 8 jul. 1934.
- D'ÁVILA, Antonio. João Toledo. In: ROCCO, S. et al (org.). *Poliantéia comemorativa ao centenário do ensino normal de São Paulo (1846-1946)*. São Paulo: Gráfica Bréscia, 1946.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. São Paulo: USP, 1986. Tese (doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- LOURENÇO FILHO, Manuel B. *Introdução ao estudo da escola nova*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930.
- MENNUCCI, Sud. Livros novos. *Educação*, SP, vol. XII, n.1, p.130-135, jul./1930.
- PENA, J. B. D. *Bibliografia pedagógica*. O Diário de São Paulo, 1º abr. 1933.
- PENNA, Júlio. *Carta*. São Paulo, 25 out. 1935.
- PROENÇA, Antonio Firmino. *Carta*. São Paulo, 2 jan. 1936.
- SILVEIRA, Carlos. *Carta*. São Paulo, 18 dez. 1935.
- TOLEDO, João. *Sombras que vivem*. Campinas: Linotipia da Casa Genoud, 1923.
- TOLEDO, João. *O crescimento mental: exposição analítica da psico-pedagogia para uso dos alunos das escolas normais e dos professores do curso primário*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1925.
- TOLEDO, João. *Escola brasileira: desenvolvimento do programa de pedagogia em vigor nas escolas normais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1925b.
- TOLEDO, João. *Didática* (nas escolas primárias). São Paulo: Livraria Liberdade, 1930.
- TOLEDO, João. *Planos de lição: noções comuns*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1934.

MARIA DE LOURDES PINHEIRO é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania - Civilis, com doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. É uma das autoras de *Inventário histórico documental: Escola Normal de Campinas - de escola complementar a instituto de educação* (2009).

Endereço: Rua Campo Redondo, 211, casa 125, 13050-552 - Campinas - SP - Brasil.

E-mail: pinheiro.lou@gmail.com.

Recebido em 8 de julho de 2011.

Aceito em 13 de março de 2012.